

O MUAMBEIRO QUE FOI PARA O ESPAÇO

Preso pela Polícia Federal, Pedro Agrizzi ganhou 90 milhões de dólares com o contrabando de eletrônicos

Fábio Portela

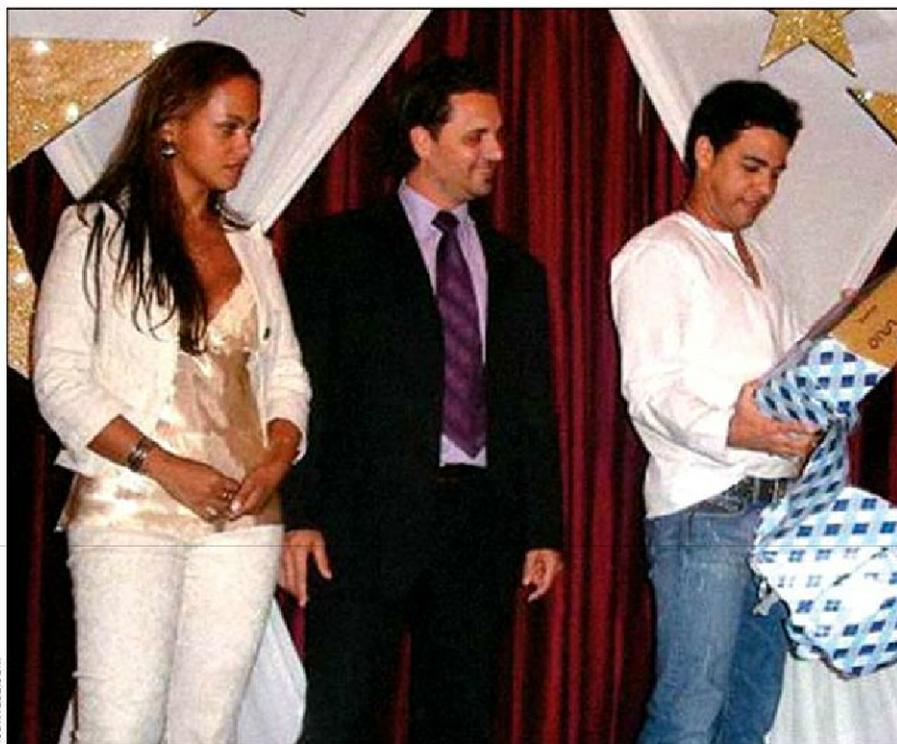
Na manhã da terça-feira 26, agentes da Polícia Federal bateram à porta da casa do empresário Pedro Agrizzi, situada em um condomínio de luxo em Foz do Iguaçu. Agrizzi não esperou para saber do que se tratava. Tentou escapar pulando o muro do quintal. No meio da escalada, os policiais o puxaram pelas calças. Agrizzi tinha bons motivos para fugir. Há quinze anos, ele morava de aluguel e trabalhava na paraguaia Ciudad del Este como balconista de uma loja de muamba. De empregado, passou a empresário desse setor. Acumulou desde então um patrimônio de 90 milhões de dólares em quatro países — Brasil, Paraguai, Estados Unidos e Taiwan. Aos 38 anos, ele é proprietário de casas, apartamentos, prédios comerciais, galpões, vinte empresas e contas bancárias, nas quais movimentava 250 milhões de dólares por ano. Uma investigação da Receita e da Polícia Federal mostra como Pedro Agrizzi — ou Peter Agrizzi, como prefere ser chamado — corrompeu, contrabandeou, fraudou e sonogeu para construir essa fortuna.

Ainda como balconista, ele aplicava golpes com cartões de crédito na loja onde trabalhava. Desviava dinheiro dos clientes e patrões. Com isso, juntou capital para abrir o próprio negócio. Em 1993, inaugurou em Ciudad del Este a Nave Informática, nome que celebra sua paixão pelas viagens espaciais. Logo percebeu que a atividade de lojista não lhe permitiria enriquecer na velocidade pretendida. Afinal de contas, o ramo da muamba é

concorrido no Paraguai. A Nave voou de lado até o fim dos anos 90, quando Agrizzi conheceu o chinês Don Shieh, representante da Asus, uma fábrica de placas de computador de Taiwan. Shieh exportava para os Estados Unidos e precisava de um canal de distribuição na América Latina — legal ou ilegal. Agrizzi se incumbiu da tarefa e passou a transportar os contêineres de Miami até o Paraguai, de onde os distribuía para o Brasil.



Agrizzi e sua Nave (ao lado): a loja foi a base de lançamento do grupo que operava em quatro países e girava 250 milhões de dólares anuais



O muambeiro e a mulher, Cleibimar, dão notebook a Zezé: festão em Miami